

# COISAS DA POLÍTICA

DORA KRAMER

## Cardoso luta contra o tempo

O presidente eleito tem pressa e, por isso, abriu mão da idéia de anunciar seu Ministério apenas uma semana antes da posse. Muito mais do que dar tempo aos integrantes do primeiro escalão para formar as respectivas equipes, Fernando Henrique Cardoso quer cumprir um cronograma político que lhe permita assumir o governo em condições de aprovar as reformas constitucionais sem problemas.

Para ele, essas alterações serão a base de sua administração. Além disso, não pode perder tempo em longas negociações com o Congresso — como aconteceu, por exemplo, para a aprovação do Fundo Social de Emergência — sob pena de começar a governar já em clima de atrito. O presidente eleito considera que já perderá muito com o fato de o novo Congresso começar a funcionar apenas em 15 de fevereiro. Por isso mesmo, o Executivo tem de estar, nesta data, com tudo pronto para que no máximo até o início de março as mudanças estejam aprovadas.

E para que os prazos não corram riscos é que Fernando Henrique estabeleceu o cronograma que já cumpre desde o dia 3 de outubro. Neste momento, está na fase de elaboração dos projetos. Recolhe dados e monta as propostas que fará ao Congresso. A segunda etapa será a da negociação propriamente dita. Essa fase começa na semana que vem, assim que o segundo turno das eleições estaduais definir os grupos que terão poder real nos partidos.

O PMDB é o exemplo clássico. Se José Sarney e Antônio Britto perderem os governos do Maranhão e do Rio Grande do Sul, quem falará pelo partido? Alguém ocupará esse espaço, Luis Antônio Fleury ou Iris Resende. Resolvida essa questão, Fernando Henrique vai se dedicar, direta e pessoalmente, à tarefa de estabelecer ao redor de si uma base política hegemônica. Como não há hoje no Brasil ninguém nem parti-

do algum que detenha maioria no Congresso ou na sociedade, a hegemonia terá de ser construída. E é exatamente isso que começa a fazer o presidente eleito a partir da próxima semana.

E é também por causa disso que ele tem tanta preocupação em manter em sigilo os nomes de seus ministros. O raciocínio é simples: por mais sensacional que seja o Ministério que pretenda formar, a divulgação dos nomes desagradará aos grupos preteridos. Ora, se ele divulga nomes antes de obter dos interlocutores partidários um compromisso firme em torno das reformas constitucionais, imediatamente coloca em risco sua aprovação.

O que já é chamado de *pacto hegemônico* entre os auxiliares mais diretos do presidente eleito está sendo montado na seguinte seqüência: primeiro, montam-se as propostas, elaboram-se os projetos; em seguida, busca-se dos partidos o compromisso de aprová-las a partir de 15 de fevereiro; feito isso, só então escolhem-se as pessoas que serão reponsáveis pela execução dos planos de governo. Aí, por mais insatisfeitos que fiquem uns e outros, os partidos não terão como recuar do acordo firmado com Fernando Henrique. Daí a necessidade de que representante do partido nesse *pacto* tenha, de fato, autoridade interna.

De nada adiantaria, por exemplo, hoje o presidente eleito firmar um compromisso sob a chancela de Luís Henrique, no PMDB. Na hora da votação propriamente dita, ninguém se sentiria obrigado a honrar o acordo e aí Fernando Henrique se veria obrigado a fazer tudo o que não quer: negociar caso a caso, deputado a deputado. Se fizer isso, estará imprimindo, desde logo, a marca da deformação em sua convivência com o Congresso. Justamente porque é aí, na conversa informal, na relação pouco institucionalizada, que se origina o fisiologismo.

## Briga de moderados

Está ainda latente, mas pode esquentar em breve, uma nova briga dentro do PT. Desta vez os radicais não têm nada a ver com isso. A pendenga está mesmo entre os moderados e diz respeito à disputa pela presidência da Câmara dos Deputados. José Genoíno diz que não abre mão da candidatura e que nem sua amizade com Luís Eduardo Magalhães o fará desistir da disputa.

Mas tem gente dentro do partido achando que tudo não passa de jogo de cena para eleger Luís Eduardo com mais louvor e, lá na frente, negociar

cargos na mesa. Genoíno, evidente, rejeita com veemência tal hipótese, mas seus adversários internos insistem — e, pelo jeito, em breve insistirão publicamente — na tese de que o deputado joga para plateia.

Na opinião deles, Genoíno deveria explicitar seu apoio ao candidato de Fernando Henrique e deixar o jogo mais transparente. Miro Teixeira, evidente, é alvo das mesmas críticas. Tão amigo de Luís Eduardo quanto Genoíno, estaria, segundo esses observadores, fazendo a mesma cena.